economia

Após reunião, Durigan fala em ajuste fiscal melhor

Ministro da Fazenda se pronunciou depois de encontro com o presidente Lula e economistas próximos ao governo

/ CONJUNTURA

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou a jornalistas nesta quinta-feira, que a concordância entre os participantes da reunião do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e economistas é que não há fórmula mágica para a política econômica brasileira, mas que o governo deve seguir empenhado em melhorias e ajustes no âmbito fiscal.

"A gente teve bastante convergência tanto nos diagnósticos quanto nos caminhos para o futuro. Não nos parece haver fórmula mágica, mas sim manutenção dos compromissos fiscais, com um compromisso de seguir melhorando as contas públicas com a manutenção e reforço do que precisa ser reforçado nas regras fiscais atuais, de modo que a gente siga melhorando, tanto indicadores sociais, políticas públicas, quanto o resultado das contas públicas do governo", disse Durigan.

Segundo o ministro da Fazenda, o caminho para a política fiscal é "ter sempre qualidade no gasto público, de modo a reforçar e privilegiar o que foi compromisso de campanha". Para Durigan, se faz necessária uma agenda clara de desenvolvimento que define as prioridades do governo de maneira que contemple as demandas dos setores e se preocupe em atender as necessidades das pessoas, enquanto o resultado primário melhora ano após ano.

Durigan afirmou que, durante a reunião, na qual participaram nomes como os ex-ministros da Fazenda Fernando Haddad e Guido Mantega, não houve discussão sobre medidas específicas, mas um consenso ao redor da necessidade de reforçar as regras vigentes hoje, de maneira a garantir a inclusão social e as políticas públicas de maneira sustentável. Segundo o ministro, a discussão sobre medidas será feita com método e previsibilidade com o presidente após o retorno de Lula de sua viagem para a COP31 na Turquia.

"O presidente tem recebido bastante contato, então, acho que tem uma agenda generosa, de escuta com a sociedade em geral, com o setor produtivo, com quem investe no País. E a gente faz isso de bom grado, de bom gosto, tanto eu, quanto o presidente e os demais ministros que estão encarregados dessa escuta", afirmou Durigan.

Quando questionado sobre as expectativas do mercado em relação a anúncios fiscais, o chefe das finanças públicas afirmou que "a expectativa que vai ser atendida é a expectativa da equipe do presidente que tem preparado, com mérito, uma agenda para fechar este ano e dar início ao próximo ano", disse Durigan. "Aqui quem nos cobra é o presidente e nós mesmos que temos que cumprir uma agenda que já está anunciada, está colocada, ainda que seja em termos mais gerais, e é isso que nós vamos cumprir com bastante tranquilidade", acrescentou.

WASHINGTON COSTA/MF/DIVULGAÇÃO/JC



Titular da Fazenda disse que reunião foi convergente em relação a diagnóstico e caminhos para o futuro

Após este primeiro encontro, Lula também vai escutar outros economistas, tanto ortodoxos como heterodoxos, sobre o cenário econômico. A sugestão de ampliar o processo de escuta partiu do próprio ministro da Fazenda, Dario Durigan. "É mais um esforço da gente dividir o cenário, os diagnósticos, e eu vou levar certamente as propostas, as ideias em termos gerais do que a gente deve fazer nas próximas semanas", afirmou o ministro a jornalistas nesta quinta.

O governo está sob pressão de setores econômicos para que apresente um plano de ajuste fiscal capaz de conter a trajetória ascendente da dívida pública, em meio à escalada do dólar e queda da Bolsa de Valores desde o resultado do segundo turno.

Além dos encontros com economistas, o governo também foi procurado por empresários buscando interlocução e deve começar a programar agendas com os setores nas próximas semanas. Banqueiros, representantes do setor produtivo, empresários da construção civil estão na lista.

O discurso preparado pelo governo prevê que Lula reafirme sua preocupação com a taxa de juros e a dívida pública, apontando que tomará medidas necessárias para a estabilidade da economia e honrar seus compromissos de campanha de forma sustentável.

Governo Lula estuda mudar arcabouço para reduzir limite de gastos após frustração de receitas

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva estuda mudar o arcabouço fiscal para prever uma redução permanente do limite de gastos quando for necessário congelar recursos do Orçamento para cumprir a meta de resultado das contas públicas.

A ideia é que o chamado contingenciamento, adotado quando há frustração das receitas e que hoje tem efeito temporário (apenas durante o ano de aplicação), passe a gerar consequências duradouras para a trajetória de gastos, mediante a diminuição do espaço fiscal disponível no teto dos anos seguintes.

Essa é uma das opções que compõem o cardápio de medidas em discussão pela equipe econômica. Outras ações em estudo incluem permitir, sob determinadas circunstâncias, o contingenciamento de algumas despesas obrigatórias, hoje imunes aos congelamentos adotados para cumprir regras fiscais.

O governo também deve propor mudanças legais para perseguir efetivamente o centro da meta fiscal. Desde a criação da margem de tolerância, em 2023, a equipe econômica vem na prática seguindo o piso desse intervalo, sob o entendimento de que isso já garante o cumprimento da regra.

Em 2027, atingir o alvo central significa entregar um superávit efetivo de ao menos R$ 8,5 bilhões, já descontadas as despesas fora da meta. No envio do Orçamento, o Executivo projetou um saldo até melhor, de R$ 18,6 bilhões. Se o piso fosse considerado suficiente, as contas poderiam ficar no vermelho por mais um ano.

As propostas ainda precisam ser validadas pelo presidente Lula. Se isso ocorrer, o governo acredita que terá à sua disposição um leque maior de instrumentos para melhorar o resultado das contas e controlar a trajetória da dívida pública.

O governo Lula tem sido cobrado pelo mercado para dar alguma sinalização firme de ajuste para resgatar a confiança dos investidores. Após a reeleição do petista, o mercado teve reação negativa, com queda da Bolsa e disparada dos juros e do dólar.

